

sibilidade histórica e artística de sua direção põe assim ao alcance do público um depoimento admirável sobre a capital nascente em 1894. A sugestão foi considerada, editando-se as 54 crônicas. A queixa de que não havia rua na cidade com o nome do jornalista não sei se já foi atendida. Parece que não, pois no catálogo de endereços nada consta. Algum vereador poderia atentar para a falta, prestando ao português que aqui viveu algum tempo, como cinquentão tranqüilo, simpático à cidade, a merecida homenagem. Já existe a principal, que é a edição de suas crônicas, que o Arquivo Público Mineiro oferece agora, para deleite e proveito de quantos amam Belo Horizonte.

*Francisco Iglésias*

## ALFREDO CAMARATE E A NOVA CAPITAL MINEIRA

*Eduardo Friero*

O nome de Alfredo Camarate não diz nada ao leitor de hoje. Foi entretanto o de um talentoso jornalista e crítico musical, muito conhecido e festejado nas três últimas décadas do século passado e primeiros anos do atual. Na obra de Abílio Barreto, *Belo Horizonte; Memória histórica e descritiva*, é Camarate lembrado em algumas páginas, já como jornalista, já como arquiteto e construtor, na ocasião de sua vinda para a nascente nova capital mineira, em 1894, com os engenheiros, arquitetos, empreiteiros e operários que iniciaram a construção da metrópole em projeto, alguma coisa assim como a Brasília daquele fim de século.

Américo Pereira, em sua obra *O maestro Francisco Vale* (que se recomenda à atenção dos musicistas brasileiros e sobretudo mineiros), consigna em nota, com a devida precisão, os principais traços biográficos de Camarate, a quem designa como "o fundador da crítica musical no Brasil".

Nascido em Lisboa, em 1840, Alfredo Camarate emigrou para o Brasil aos 32 anos de idade e aqui viveu até seu falecimento aos 64 anos. Trouxera da terra natal uma carta de engenheiro-arquiteto e um primeiro prêmio de flauta pelo Conservatório Real da capital portuguesa. Fixando-se no Rio de Janeiro, tornou-se brasileiro de coração, exerceu o cargo de inspetor do Conservatório Imperial de Música e foi, durante muitos anos, o crítico musical e artístico do *Jornal do Comércio*. Escreveu copiosamente na imprensa do Rio e de São Paulo e colaborou em jornais de Buenos Aires, Ouro Preto e Sabará, versando assuntos de educação, arte, viagens etc. Traduziu livros e deixou composições musicais para piano.

Homem viajado e culto, espírito versátil, conhecia vários idiomas e escrevia o nosso com desenvoltura e graça. Firmava seus escritos de imprensa com diferentes pseudônimos e, mais comumente, com o de Alfredo Riancho, sendo este um dos so-

brenomes de seu pai, que se chamava, por extenso, Augusto Riancho Camarim da Costa Camarate. Olavo Bilac, numa carta jocosa a Afonso Arinos, em que pastichava as velhas épocas de altas linhagens e nomes de perder o fôlego, debicava o seu confrade português, chamando-lhe Riancho de Camarim Camarate Camarote y Belotas de S. Tomé de Riba-Acima.

Num alfarrabista do Rio encontrei um volume de sua autoria, intitulado *El coetera*, in-8º (18 x 12 cm), 293p + 7 inum., edição de Adolpho de Castro Silva & C., Rua da Quitanda 115, Rio de Janeiro, 1887. Compõe-se de vários escritos de arte, perfis zoográficos (o Burro, o Gato, o Mosquito, o Cão e o Touro) e uma página sobre chapas literárias, oratórias e musicais. Não se acham referências a este volume nos dicionários bibliográficos de Inocêncio, Sacramento Blake e Velho Sobrinho.

Alfredo Camarate faleceu pobre, em São Paulo, a 27 de janeiro de 1904, conforme se lê na citada obra de Américo Pereira.

Aqui o estou recordando, como é de justiça recordar quem foi o primeiro cronista de Belo Horizonte. O primeiro cronista, em data. O segundo, também em data, seria o "Nemo", pseudônimo de Azevedo Júnior, redator da segunda folha periódica surgida aqui, em 1896.

O *Minas Gerais*, órgão Oficial dos Poderes do Estado, inserta pouco depois do seu aparecimento, em 1892, colaboração de Alfredo Riancho, continuada, no ano seguinte, com uma série de artigos, intitulada "Por montes e vales", que se prolongaria pelo ano de 1894. Note-se que o título é o mesmo do livro de viagens a Ouro Preto e Vassouras, de autoria de Anselmo Ribas, pseudônimo de Coelho Neto, companheiro de Camarate na sua excursão a Minas em 1893.

Já então se achava o jornalista em Belo Horizonte, tendo chegado com os homens da Comissão Construtora da Nova Capital. A viagem se fazia por estrada de ferro, bitola larga, do Rio a Lafaiete, de onde, após baldeação, os viajantes seguiam pelo ramal de bitola estreita até Sabará, ponto terminal da linha férrea. Aposentou-se ali na única hospedaria da cidade, o "Clark's Hotel", nome que o impressionou bem, pois vivera alguns anos na Irlanda, admirava tudo o que tinha pinta britânica e era provavelmente um pouco *snob*. O hotel, sito na banda de cá do Rio das Velhas, não o decepcionou. De lá a Belo Horizonte completava-se o percurso em lombo de mula ou a cavalo. À passagem por Marzagão notou a existência ali de uma fábrica de tecidos, então uma novidade

no interior do País. Estrada lindíssima, na opinião do viajante: "*Caminhamos como se fosse pelo meio de extensas alamedas de jardim*".

Ao cabo de quatro horas de viagem, entrava o jornalista pela rua de Sabará, a mais extensa do arraial, com as suas velhas casas esparsas de pau-a-pique, cercadas algumas de antigos muros de adobes ou taipa, e que se estendia do lugar denominado Cardoso, junto ao Ribeirão dos Arrudas (começo de Santa Ifigênia, hoje) ao largo da Matriz da Boa Viagem.

Sua primeira impressão do povoado? É a de um povo bom e hospitaleiro, mas inerte. Ninguém se havia preparado para receber condignamente os forasteiros, que chegavam de braços dados com a fortuna, anunciando dias prósperos e um futuro promissor.

*"As poucas e mal fornecidas vendas (considerava) não se premuniram nem de qualidade nem de quantidade de gêneros, proporcionados ao número e categoria dos recém-chegados; nem o êxodo de centenas de pessoas, caídas aqui de todas as partes do Estado, despertou os desejos de ganância, tão fáceis de despertar em qualquer parte do mundo. Um fazendeiro abriu hotel, a instantes rogos de seus amigos e o mantém, com a independência de quem está fazendo um favor a seus hóspedes; os proprietários de prédios, a muito custo caíram a fachada dos seus modestos casebres e, para se ver como aqui se faz errada idéia do que são as exigências da higiene e do moderno "comfortable", basta dizer que são raríssimos os quartos de cama que tenham como soalho outra coisa que não seja a terra vermelha da localidade, molhada e balida por processos primitivos."*

Todos se queixam do pó vermelho e amarelo que sobe em redemoinhos e as constantes lufadas de vento precipitam em espessas nuvens nos quatro cantos do decadente Cural del-Rei. Iniciados os trabalhos de terraplenagem, em cortes, desaterros e nivelamentos, o pó levantado dá à atmosfera uma tonalidade de bruma ocrácea e é o flagelo permanente dos habitantes da futura capital. Poeirópolis — tal o epíteto que lhe foi dado e que merecerá durante algumas décadas. Para enfrentar a poeira, os que podiam andavam de botas e guarda-pó. Quem não podia, usava coturnos baratos, de tipo militar. E o pó desaparecia, na época das águas, para dar lugar a lamaçais e atoleiros.

O clima, sim, é dos mais agradáveis: temperatura amena, sempre fresca à noite, mesmo no tempo do calor, atenuado pelas frequentes virações. Camarate respira deliciado os ares puríssimos destas verdejantes colinas, embalsamadas pelos perfumes resinosos

das florestas próximas. Seu robusto apetite lusitano torna-se mais tirânico. *"A julgar pela quantidade que ingiro de alimentos (escreve), o clima de Belo Horizonte deve deixar a perder de vista o da Sicília, de Nice ou da Madeira! E pela mesma rasoeira passam todos os demais comensais, que tenho por companheiros."*

Para tanto, em nada contribuíam a arte culinária e a variedade do "menu" servido no hotel. Ao almoço comia-se feijão, arroz, carne-de-vento e, às vezes, fresca, batatinhas fritas e café. Ao jantar, a mesmíssima coisa. Pão? O curralense não estava habituado a essa "quitanda", como a designava. Quando o havia, era feito por uma família que sem muita convicção consentia em ganhar dinheiro com intermitentes fornecimentos e tão só por dedicação e favor. Não era pois fora de alguma razão a queixa do jornalista: a população local não estava preparada para receber o luzido exército de engenheiros, arquitetos, mestres-de-obras, médicos, empregados de escritório, empreiteiros, oficiais de diferentes ofícios, carroceiros e mais trabalhadores, que já naquele mês de março de 1894 trabalhava intensamente na demolição do velho burgo e edificação de uma *urbs* moderna.

Talvez. Mas, quem sabia lá? Os prudentes, timoratos curralenses, agora transmutados em horizontinos, olhavam desconfiados para tudo aquilo. Era o progresso? Quem sabia lá o quinhão que acaso lhes tocaria nele? Eram gente de confiança, os forasteiros? *"Vendo-os passar, naquela alvidade, pelas ruas do arraial, os horizontinos ficavam admirados, com imensa interrogação no olhar, como que a perguntar: Que irão fazer aqueles homens de botas, com tantos instrumentos e feixes de estacas e operários por esses campos, serras e baixadas do arraial? Que destino irão dar às nossas propriedades? Será que eles porão tudo abaixo?..."*

E concluía:

*"Dias angustiosos foram aqueles para os filhos de Belo Horizonte."*

As desapropriações, como era natural, causaram descontentamentos, mas afinal tudo se arranjou em paz, com especial satisfação dos que souberam tirar proveito do novo estado de coisas.

Corria dinheiro e talvez por isso a vida era cara. Dizia-se que o pessoal da Comissão Construtora ganhava ordenados elevadíssimos. Camarate protestava contra os que tal asseveravam: *"se aqui viessem, verificariam que a vida é perfeitamente impossível: sobretudo para aqueles que exercem segundos e terceiros*

*lugares nessa Comissão"*. Uma banana — espantava-se — custava duzentos réis! Preço de uma dúzia em outras partes. E era um vasto pomar, o arraial.

O povo pareceu-lhe doentio, em desarmonia com a salubridade do clima. Gente magra, pálida, o ar enfermigo, em grande parte. Muitos raquíticos e aleijados. O povo alimentava-se mal, era a explicação do jornalista. E os célebres papudos? Não havia papudos, diziam os partidários da mudança da Capital para o Curral del-Rei. Havia-os, sim, retrucavam os contrários. Camarate depõe: *"Tenho encontrado talvez uns 15 ou 20, e isto nas grandes aglomerações que têm produzido as festas da Semana Santa."* A proporção, declara, não era assustadora; mas ainda assim, asseguravam-lhe, vinham quase todos de uma localidade distante. O certo é que havia muitos por estas bandas de Minas. Circulava até uma cantiga, que fazia a apologia da papeira:

*O papo p'ra ser bonito*

*Tem de ser de três caroços:*

*Um de um lado, outro de outro*

*E um no meio do pescoço.*

Apesar de relativamente pobre, o arraial fazia as suas solenidades religiosas *"com uma pompa natural e espontânea, muito de ver-se e admirar-se"*. A procissão do Enterro *"era sobretudo de um efeito imponente e comovente, pelos milhares de velas que a acompanhavam e que, na cauda do préstito, formavam um grande foco luminoso, que parecia lutar, com vantagem, com o esplêndido luar que iluminava aquela noite"*.

A velha Matriz era feia, mas tinha belos altares com talha dourada e interessantes pinturas no teto. O jornalista, crítico musical que era, elogiou as vozes das mulheres que cantavam no coro.

Uma das suas páginas mais curiosas é a de um velório a que pôde assistir aqui. Todas as outras merecem leitura e valem como preciosos depoimentos sobre o expirante povoado de Curral del-Rei e a fase ainda fetal da nova capital de Minas.

Na concorrência pública para a construção da estação de General Carneiro, ultimamente demolida pelos vândalos do bota-abaixo, venceu a firma comercial de Edwards, Soucasseaux e Camarate. Referindo-se ao fato, em artigo para o *Minas Gerais* de 12 de agosto de 1894, o cronista gizou em rápidos traços os retratos dos seus sócios, Eduardo Edwards, brasileiro, filho de inglês, comerciante de há muito estabelecido em Belo Horizonte, e Francisco

Soucasseaux, português, artista e construtor, um dos homens que mais ajudaram na edificação da nova capital mineira. E esboçou também o seu próprio retrato, perfilado nestes termos:

*"O terceiro dá pelo nome de Alfredo Camarate, foi educado na Inglaterra, mas detesta bebidas alcoólicas. É baixo e calvo (os calvos estão em maioria nesta razão social). É arquiteto e com pergaminho; mas, sobre a sua competência arquitetônica, esquivo-me a dizer palavra, porque Alfredo Camarate é o mais íntimo e fiel amigo, para quem não tenho segredos, nem arrufos, ganhando e gastando ambos, como se a bolsa fosse comum..."*

Tivemos já ocasião de sugerir pela imprensa a idéia de se imprimirem em livro as crônicas de Alfredo Riancho — nada menos de quarenta, publicadas no *Minas Gerais* —, onde se acham depoimentos de interesse para a história de Belo Horizonte. Cabe à Prefeitura da cidade fazê-lo. Fora do alcance da picareta dos empreiteiros de demolições — dizíamos então —, o livro seria por certo um monumento mais duradouro do que a malaventurada estação de General Carneiro, que teve em Camarate um de seus construtores. Note-se, ainda, que não há em Belo Horizonte uma rua que recorde a personalidade de Alfredo Camarate, quando tantos nomes insignificantes estão ligados a logradouros públicos da cidade.

POR MONTES E VALES